

## NOTA SOBRE MARIA ERBIA CÁSSIA CARNAÚBA

Por Marcos Nobre

Na seção intitulada “A insurgência dos movimentos sociais”, parte do terceiro e último capítulo de sua tese de doutorado, Maria Erbia Cássia Carnaúba<sup>1</sup>, cita a passagem que abre o *Ensaio sobre a libertação* de Marcuse:

Até agora, foi um dos principais preceitos da teoria crítica da sociedade (e particularmente da teoria marxista) de se abster do que pode ser razoavelmente chamado de especulação utópica. A teoria social deve analisar as sociedades existentes à luz das suas próprias funções e capacidades e identificar tendências demonstráveis (se existirem) que possam levar além do estado atual das coisas. Por inferência lógica a partir das condições e instituições prevaletentes, a teoria crítica também pode ser capaz de determinar as mudanças institucionais básicas que são pré-requisitos para a transição para um estágio superior de desenvolvimento: ‘superior’ no sentido de um uso mais racional e equitativo dos recursos, de minimização de conflitos destrutivos e de alargamento do domínio da liberdade. Mas a teoria crítica não se aventurou para além destes limites, por medo de perder seu caráter científico<sup>2</sup>.

Essa citação é chave no trabalho de Maria. E por muitas razões. Razões que explicam por que, para ela, a noção de utopia deve ocupar uma posição central na Teoria Crítica. A primeira operação a realizar é desfazer a oposição entre “ciência” e “utopia”, tal como se cristalizou no marxismo clássico, em especial a partir do título de Engels *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Não é uma operação das mais simples, já que a distinção se tornou fundante do marxismo após a morte de Marx. Nem mesmo uma vertente heterodoxa do marxismo como a Teoria Crítica inaugurada pelo coletivo reunido em torno do Instituto de Pesquisa Social questionou de fato essa oposição de base. Só por ter colocado em questão esse ponto de partida não-tematizado, a tese de Maria já teria mostrado sua originalidade e fecundidade. Mas ela foi ainda além.

---

<sup>1</sup> Maria Erbia Cassia Carnaúba, *Teoria Crítica e Utopia*, Campinas: IFCH/Unicamp, 2017.

<sup>2</sup> *An Essay on Liberation*, Boston: Beacon Press, 1971, p. 9. Depois da defesa de sua tese, havíamos combinado, Maria e eu, de rever todas as traduções como parte do trabalho mais amplo de revisão do texto do doutorado com vistas à publicação de seus resultados. As ligeiras modificações que introduzi ao reproduzir a citação são minha singela homenagem a esse projeto, brutalmente interrompido pelo trágico desaparecimento dessa pesquisadora e figura humana tão especial.

Porque desbloquear o olhar da Teoria Crítica para a utopia não significa apenas desbloquear a sensibilidade e a imaginação para a transformação em uma circunstância histórica cujo diagnóstico de tempo aponta para um bloqueio da práxis – um bloqueio que vem com uma nova forma de dominação que trava toda e qualquer oposição a ela mesma, tal como consolidado exemplarmente na *Dialética do esclarecimento*, por exemplo. Significa também desbloquear o olhar para novas formas de crítica, de resistência, de luta e de transformação que não tinham ainda aparecido no horizonte da Teoria Crítica. Dito de outra maneira, significa afastar o risco de que a própria Teoria Crítica se feche para a novidade da “nova sensibilidade” trazida pelos movimentos de protesto dos anos 1960, perdendo contato, portanto, com o gesto e com a atitude que a fundaram.

Nada menos que isso devemos a Marcuse. Grande parte do lugar que ocuparam as contribuições da Teoria Crítica no imaginário e na prática social transformadora pode ser creditada a essa atitude de reconexão com a práxis proposta e analisada por Marcuse naquele contexto histórico. Se Kant teve de limitar o saber para encontrar lugar para a fé, Marcuse, tal como lido por Maria, teve de mudar a maneira de entender a teoria para encontrar lugar para a utopia. É o tipo de gesto que faz tanta falta no mundo atual, que faz tanta falta na academia. E também é uma das tantas razões pelas quais Maria faz tanta falta.

## NOTA SOBRE CAROLINA BLASIO DA SILVA

Por Marco Ruffino

Carolina Blasio da Silva, minha aluna e orientanda no curso de doutorado na UNICAMP, faleceu de maneira tão absurda quanto trágica no dia 26 de agosto último, vítima de um acidente juntamente com sua amiga (pesquisadora e ex-aluna de nosso doutorado) Maria Érbia Cássia Carnaúba. A sua defesa de tese havia sido realizada na tarde do dia anterior no Centro de Lógica e Epistemologia (CLE-UNICAMP) em uma apresentação bem ao seu estilo: carregada de entusiasmo e paixão pela sua pesquisa. Quem a acompanhou sabe que seu doutorado foi uma enorme conquista pessoal: ela escreveu quase tudo durante a gravidez e os 2 primeiros anos de sua filha Maia. Às dificuldades de mãe de criança recém-nascida se somaram as de estar morando no exterior (estava na Alemanha acompanhando o marido), longe da família e dos amigos. Mas ela conseguiu como ninguém conciliar o trabalho duro de uma jovem pesquisadora ambiciosa com a dedicação de mãe carinhosa. Quem a conheceu com certeza traz na mente a cena típica (registrada em muitas fotos) de Carolina em eventos internacionais de filosofia e lógica tendo Maia junto (sempre com seu enorme sorriso amoroso). No último ano havíamos tido um trabalho intenso de reuniões semanais por Skype (ou pessoalmente quando eventualmente nos encontrávamos em conferências), ela construindo e aprimorando seu texto, e mesmo com a rotina pesada de mãe encontrava tempo e energia para seguir as determinações de um orientador detalhista e exigente, a quem sempre retribuía com um sorriso de gratidão e simpatia. O resultado foi uma tese de grande relevância e sofisticação sobre noções generalizadas de consequência lógica, que certamente resultaria em muitas publicações importantes (um dos capítulos da qual já havia sido publicado em MANUSCRITO poucos meses antes).

A revista *Kinesis* presta, neste volume, uma emocionante homenagem a estas duas jovens pesquisadoras de talento cuja perda foi um duro golpe não apenas para as famílias e os amigos, mas também para a filosofia profissional brasileira.

